

SOFFRE o Rio de Janeiro remodelações urbanas. Supprimem-lhe tradições e monumentos, algumas e alguns perfeita e patrioticamente conserváveis.

A cidade de S. Paulo também assim padece, sem regosijo do Rio de Janeiro, apesar do proverbio agri-doce: mal de muitos consolo é.

Desappareceu, ha pouco, em São Paulo, o convento do Carmo, de tradicional existencia. Agora toca vez de sumiço, segundo se annuncia, ao viaducto do Chá. E sobretudo todos quantos estudaram ou estudam na Faculdade de Direito de S. Paulo tremem ou devem tremer pela demolição do convento de S. Francisco, ninho historico de tantos vôos altos da intelligencia nacional.

Anno a anno se despedem de S. Paulo moderno os testemunhos do S. Paulo antigo, sujeita a táboa rasa do presente ao juizo da posteridade...

Cumpre graval-o bem, não vivemos só para nós mesmos, mas bastante pelos que viveram e muito para os que viverão.

Quantos, de todo o Brasil, estudaram Direito em S. Paulo não podem deixar de lançar olhos de amizade sobre a velha cidade universitaria de sua adolescencia.

Hão de recordar, em primeiro, o convento de S. Francisco, datante do seculo XVII; flanqueado por igreja franciscana. Sob as arcadas do convento-academia arrastaram passos moços de todo o Brasil, muitos pelo tempo e pelos serviços transformados nos maiores homens da nacionalidade.

Mais antigo que o convento de S. Francisco era em S. Paulo o do Carmo, ha pouco destruido. Vinha de 1594, posto n'um sitio que quarenta annos antes apresentava bosque quasi impenetravel, sobre cujo denso tinham verde leve e vivo leques de palmeiras.

Não é muito deixasse de existir o convento do Carmo. Pois não foi possível em S. Paulo a ruina, a destruição da igreja do Collegio, este fundado por Anchieta, em Janeiro de 1554? O templo, dedicado ao Senhor Bom Jesus, feito a expensas de uma devota, estava de pedra e cal em 1681.

Attestava-o inscripção gravada na porta principal da igreja.

Do collegio e do templo estiveram de posse os jesuitas até ao arrancar da Companhia, de Portugal e seus dominios, pelo Sebastião José que, alçado a Marquez de Pombal, esqueceu os favores a elle prestados pelas roupetas e fez desapparecer na fogueira a santidade de Malagrida.

A corôa apossou-se dos edificios da Companhia, mandando d'elles para a Sé os objectos do culto.

Modificação da parabola nazarena: Cesar tomava o que não era de Cesar, entregando a Deus o que de Deus já era.

O Collegio passou a casa de governo, administrando a capitania de S. Paulo, durante annos, o morgado de Matheus, o capitão-general, de nome em leguas, d. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão.

Houve fim o periodo colonial; D. João VI sahio de Brasil semi-independente; o Ypiranga deu echos ao grito da proclamação do Imperio; o primeiro reinado, a Regencia, o segundo reinado viveram, e o convento dos jesuitas sempre casa de governo, pelo menos de rotulo.

Em 1881, na presidencia paulista do senador sul-riograndense Florencio de Abreu, remodelaram o antigo Collegio, persistindo a igreja annexa na feição primeira, com a suggestiva data da cimalha da porta principal: 1681.

Ao meio dia, domingo a domingo, abria-se o templo para a missa, sempre concorrida. Assim foi até 1890, aos poucos a igreja se desmantelando por falta de cuidados, desapparecendo afinal n'um estrondo de ruina a imagem viva d'aquelle Janeiro de 1554 no qual o padre Joseph de Anchieta fundára collegio chamando á fé o gentio, á caridade o colono, e convocados todos á esperanca da misericordia divina.

Aliás a S. Paulo antigo não faltavam templos, a principiar pela Sé Cathedral. Ahi, em todos os 25 de Janeiro, se commemorava á solemne a conversão do caminho de Damasco, que de Saulo o

S. PAULO ANTIGO

POR ESCRAGNOLLE DORIA

perseguidor fizera Paulo o defensor. A primeira vez que tal conversão se memorára fôra a 25 de Janeiro de 1554, nos campos de Piratininga, junto a altar da collina sobranceira ás aguas de muitas voltas do Tamanduatehy, ao deslizar em serpre do ribeiro Anhangabahú.

S. Paulo deveu bispado a reflexo da magnificencia de D. João V, tão propenso a offuscar a tiara por brilhos de corôa. Creado no meiado do seculo XVIII, por bulla de lindo nome latino —

No S. Paulo antigo, sumido ou diminuido no S. Paulo remodelado, figurava o mosteiro de S. Bento, theatro, mas historico, do successo de 1º de Abril de 1641. N'elle se refugiou Amador Bueno da Ribeira quando o povo paulista teimava em proclamam-l-o rei. Mas o subdito, afflicto e leal, espada na mão, clamava: "viva D. João IV, nosso rei, pelo qual darei a vida". Como insistissem os acclamadores, Amador, do mosteiro, pedio a presença dos homens



S. Paulo. Academia de Direito. O convento de S. Francisco, séde da Faculdade de Direito e, apesar das remodelações, um dos monumentos tradicionais de S. Paulo.

Candor Lucis Eternae — pediu logo o bispado paulista natural complemento, uma cathedral.

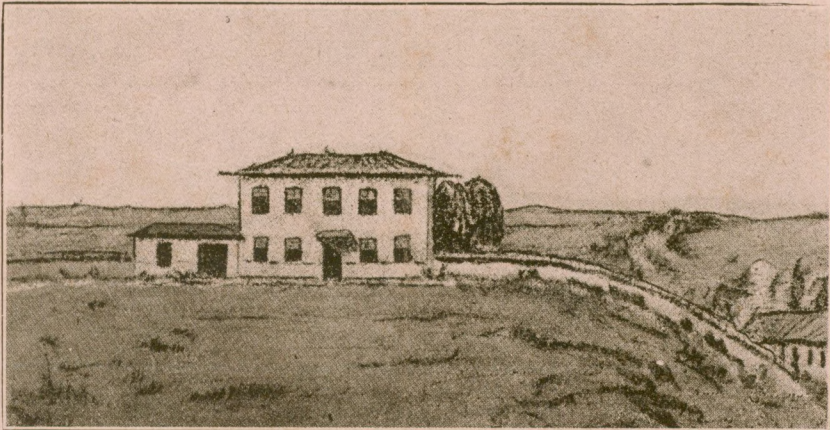
Teve-a, quando um bando, publicado a som de caixa, ordenava, em nome do rei, que onde passasse o bispo os transeuntes puzessem joelho em terra para esperal-o e honral-o.

No meiado do seculo XVIII S. Paulo começou a sua cathedral. N'ella pompeiou annos até 1911, demolida a Sé para abrir espaço a cathedral moderna. De certo na tradição não vale pedra da antiga, onde se sagraram varios bispos, entre os quaes o capuchinho d. Vital, de pelejante memoria.

bons da cidade para, ante elles e a comunidade beneditina, reconhecer D. João IV e dar-lhe preito. Não quiz Amador, repellido vivas, nem o som da realza.

Agora fiquem os mosteiros escancarados dia e noite, á espera de candidatos a qualquer atomo de poder publico.

Não só templos contava S. Paulo antigo, também eram d'elle casas muito ricas. Assim o palacio episcopal, na rua do Carmo, antes palacete da marquezia de Santos. Esta dama, por amores imperiaes ainda hoje tão famosa, quando se vulgares seriam logo de olvido, deu um baile no palacete da rua do



A chacara dos Inglezes, desenho de Pedro Alexandrino, um dos sitios mais tradicionais de São Paulo. Alvares de Azevedo e Bernardo Guimarães, entre outros estudantes, viveram na casa da chacara, também residencia da marquezia de Santos, de 1817 a 1822.

Carmo, festa com successo inesperado. Quando mais animada ia, capitão de moleques, um estudante de direito, a torto e a direito apedrejou a casa, estrelajando vidraças a pedradas. Aquelle estudante seria o autor, já velho, já desembargador, de um assassinio de mulher, crime que depois de ter abalado o Maranhão veio repercutir no Rio de Janeiro, sentando toga no banco dos réos.

Algumas vezes o incendio se antecipou aos homens e á sua furia exterminadora no S. Paulo antigo. Destruiu e pôz em cinzas o theatro S. José. N'elle representou Sarah Bernhardt, cujas excentricidades emparelharam com o seu talento, expresso pela *voix d'or* que muitos lhe attribuiram e lhe servio para pôr fóra varias fortunas.

Nem faltaram a S. Paulo antigo usos, costumes e typos. Entre os primeiros estavam as procissões.

Costumavam desfilar pelo mesmo itinerario. As casas de trez ruas attingiam por isso alugueres elevados e o dono de predio "em rua de passar procissão" podia contar renda certa e boa, se via a procissão da rua. Os saccos não foram cosidos para conteúdo de todos os proveitos. Nem tal pensamento lavra no animo do avaro.

Cidade velha nossa sem chafarizes é cousa incomprehensivel. Tinha-os S. Paulo antigo cuja principal freguezia, a da Sé, bebia aguas mandadas pelas nascentes do Anhangabahú, o ribeiro preguiçoso da cidade, recolhidas ao tanque de Santa Thereza, postas para distribuição na caixa da rua da Cruz Preta, que recordava uma das mais celebres estudantadas.

Nem sempre os chafarizes estavam a correr. Mas ha bem pouco ficou a Paulicéa sob a pressão da mais horrivel das sédes, a que se não dessedenta por não pingar gotta d'agua de torneira aberta.

Para consolo de povos em saliva, jorrava fonte poetica, a de Castalia, representada em trovas populares bem paulistas:

*O sino da Sé locou
Ai Jesus! quem morreria?
Foram os olhos de meu bem
O coração de Maria.*

Nem houve mingua no S. Paulo de outr'ora, mesmo no mais chegado a nós, de costumes e typos curiosos.

A gente moça da cidade velha adorava a natação e a buscava em aguas fluviaes, Santos muito longe. O desporto era completado pelo amor ao jogo da peteca, amor assignalado, como outras muitas tradições paulistanas, pelo cuidado de Affonso de Freitas e outros amigos do torrão natal.

Nem ahi só havia enfado, monotonia provinciana. Dansava-se bastante, a pretexto de natalicios, baptisados e casamentos.

Berço e thalamo se explicam, se ajudam. Não faltavam, pois, reuniões dansantes, qualificadas conforme a importancia, bailes, saráos, brinquedos ou assustados, em geral tudo isso aos sabados, com o domingo para tonico dos dansarinos de pernas fracas.

Todo esse S. Paulo antigo, de diversas épocas, resurgio-nos a proposito do proximo desapparecimento do viaducto do Chá, escolhido muitas vezes por suicidas para dar cabo da vida precipitando-se de alto.

Depois dos suicidios a morte do v. aducto, d'aquelle cumplice innocente, se taes palavras podem harmonizar-se dentro do Codigo Penal.

Escragnolle Doria